

Para além da vitória

O estádio estava cheio, mas havia um silêncio invisível que ninguém ousava nomear, feito de expectativa, anos de treino e sonhos que tinham crescido à custa de sacrifícios. O jogo aproximava-se do fim e o empate pesava mais do que o cansaço, porque empatar nunca é neutro quando está tudo em jogo. Cada passe era executado com urgência, cada corrida carregava o medo de falhar, e o público gritava como se a intensidade das vozes pudesse influenciar o destino.

Tudo se alterou num instante. Um toque quase impercetível dentro da área, um desequilíbrio mínimo, um corpo que caiu quando todos queriam que caísse. O estádio explodiu num clamor coletivo, os braços ergueram-se, e o árbitro correu, dividido entre o que parecia ter visto e o que milhares exigiam. O jogador permaneceu no chão. Bastava silêncio para que a história se escrevesse sozinha, porque o mundo prefere narrativas simples, onde a vitória justifica os meios e a dúvida é abafada pelo aplauso.

Mas ele levantou-se.

Fê-lo devagar, com um conflito evidente no olhar. Aproximou-se do árbitro e disse, num tom quase íntimo, que não tinha havido falta, que escorregara sozinho. O apito não soou, o penálti não existiu, e o encontro continuou intacto, embora tudo tivesse mudado.

Perderam. Houve lágrimas e silêncios pesados, porque admitir a dúvida era admitir o custo da escolha. No dia seguinte, os jornais falaram da derrota, os comentadores analisaram erros táticos e o gesto perdeu-se entre estatísticas. O mundo raramente sabe o que fazer com quem escolhe o certo, mesmo que isso implique abdicar da vitória.

Dias depois, numa pista de atletismo, vi uma queda. Atletas passaram sem sequer olhar ou hesitar. Uma atleta decidiu parar, voltar atrás, ajoelhar-se junto de quem estava caído, ajudá-la a levantar-se e caminharam juntas até à meta, sem pódio, sem medalhas, sem hinos, mas com algo que nenhuma vitória solitária poderia oferecer: dignidade partilhada.

Também estive presente em ginásios pequenos, onde jovens promessas seguravam o futuro com mãos trémulas enquanto recusavam vitórias rápidas que exigiam mentira e silêncio. Vi árbitros admitirem erros sabendo que seriam alvo de ódio, treinadores escolherem formar pessoas antes de campeões, atletas perderem competições, mas preservarem algo que não se mede em pontos nem tempos. O desporto não vive apenas de resultados, mas sobretudo do sentido que lhes é atribuído.

Não habito nos troféus nem nas manchetes, não apareço nas fotografias nem nos discursos de vitória, mas sou eu que sustento o jogo quando as regras não chegam e quando a tentação de ganhar ameaça esmagar o humano. Sem mim, o desporto torna-se vazio, reduzido a força sem direção, sucesso sem significado, incapaz de ensinar seja o que for a quem o pratica ou a quem observa.

E agora, que percorremos estas histórias, talvez surja a questão de quem fala, observa e permanece após o esvaziar do estádio.

Quem sou eu?

O meu nome é Ética, e é um prazer apresentar-me.